



Língua original: italiano

30 de setembro 2024
RETIRO - Laudes

Madre Maria Ignazia Angelini

“COMO SER UMA IGREJA SINODAL EM MISSÃO?”
Sede de Deus, fonte oculta dos diálogos sinodais

Um profundo agradecimento a Deus por este início: o Evangelho – no centro das Laudes – reposiciona-nos, a todos nós. Como nos disse o Papa Francisco há algumas semanas, no *Angelus*: “Primeiro, maravilhar-se, porque as palavras de Jesus nos surpreendem. Jesus sempre nos surpreende, sempre. Ainda hoje, na vida de cada um, Jesus sempre nos surpreende” (20.08.24). Ainda mais se nos expormos ao Evangelho, atraindo-o para a grande luz da Eucaristia. Tem dentro de si a força para nos preparar para o caminho. Vamos, juntos, abrir espaço para uma escuta maravilhada que nos reposiciona, nos prepara para esse novo início de caminho.

Fazendo eco à memória vigorosa de São Jerônimo, o homem rude e colérico, de paixões fortes, de constante e fácil tensão nas suas relações mais envolventes, porém ouvinte atento da Sagrada Escritura, a ponto de se deixar transformar por ela - hoje o Evangelho nos fala: narra a conclusão de uma etapa do itinerário de Jesus, rumo ao início da etapa decisiva. [E estamos entrando numa etapa final (por assim dizer!) do caminho sinodal]. Uma conclusão misteriosa que abre o horizonte de forma desconcertante, enquanto a etapa anterior parece fechar-se numa sombra de fracasso: de fato, enquanto todos o admiravam, Jesus acabava de anunciar pela segunda vez a proximidade da "entrega" do Filho do homem nas mãos dos homens. E aqui, aqui mesmo, Jesus abre o horizonte, trazendo rudemente à luz os *dialogismos* embaraçosos dos discípulos e iluminando-o no seu delírio, através do simples gesto de aproximar deles uma criança pequena. Refundação do colégio apostólico. Símbolo vivente do discípulo, também oferecido a nós. Aqui, hoje. O mínimo feito um símbolo vivo.

Ao comentar este gesto profético, Jesus oferece-nos indiretamente uma nova visão da missão – e portanto do caminho sinodal. “Quem recebe esta criança em meu nome, a mim recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou”. A missão nasce da paixão, da atração invencível de Deus pelo mínimo, o *paidion* (pequeno). É uma constante do revelar-se de Deus na história humana, desde o primeiro dia da criação até Jesus. Os apóstolos “enviados” (a missão) devem sempre recomeçar a partir daqui. A missão, sem esta forma de “estar com Ele”, é em vão.

Mas eles, obtusos, embora corrigidos pelo Mestre, reiteram mais uma vez a sua visão fundamentalista que levanta barreiras, que exclui o estranho. Porém, Jesus, com tenacidade gentil, revela que o Abbá quer todos “com ele” – e reconhece os “seus” -. Começando pelo



pequeno, pelo irrelevante. E daqui, precisamente deste tropeço no entendimento entre Jesus e os seus seguidores, iniciamos o caminho “sinodal” até Jerusalém. Aqui, cristologia e eclesiologia estão interligadas. A partir daqui, a II Sessão da Assembleia Sinodal é, portanto, fortemente convidada a dar seu pontapé. I.L (*Instrumentum laboris*): “... eis a questão: como pode a identidade do Povo de Deus em caminho sinodal e em missão concretizar-se nas relações, nos caminhos e nos lugares onde se realiza a vida da Igreja?”. A missão, sem este modo de estar “com ele” revelada no *paidion* é, no máximo, um bom voluntariado.

Os *loghismoi*, ou seja a procura do diálogo, a falta de comunicação entre as diferenças, as barreiras entre gerações, entre culturas abissalmente diferentes: todos os obstáculos que bem vimos nestes meses de caminho entre uma etapa da Assembleia e outra, são aqui comparados com a medida de verdade que - no símbolo - reposiciona todos nós: o pequeno, ou melhor, o mínimo. Jesus não está aqui moralizando: ele indica, em si mesmo, o caminho e o passo.

E então, como reconhecemo-nos aqui como chamados à nova etapa do caminho sinodal, aos confrontos, ao diálogo? Como nos expomos à força reveladora, atuante e transfiguradora da Eucaristia e, nela, do Evangelho? O I.L. (I, 25; cf. também “Cinco pistas...”), na quarta pista de aprofundamento, diz que o método sinodal inclui também a referência litúrgica. Mas não tanto como um procedimento ritual, penso eu, mas como uma luz inspiradora.

Sabemos que numa lógica de nivelamento do mundo, foram produzidas ridículas discussões e hierarquias de poder: “...qual deles era o melhor” (Lc 9,46) ...

Como então identificar o “menor”, na situação histórica em que vivemos? A criança indefesa e confiantemente entregue, o jovem perdido, o prisioneiro revoltado, o migrante, o idoso deixado sozinho, a mulher não ouvida, o... “quem?”?

A arte do diálogo refundada aqui, na Igreja sinodal, é decisiva, uma alternativa a todos os dialogismos que carregamos mais ou menos conscientemente no coração. Arte que nasce – a entendemos a partir do Evangelho – de um nível de realidade que Deus assume: da dor de uma surdez percebida. Esta paciência de Jesus em fazer-se compreender por aqueles que – mesmo escolhidos para estar com ele – permanecem surdos, é reveladora: diz Deus. Que ele nunca desista da sua sede do Tu humano. E funda a arte do diálogo. Martin Buber, nos seus escritos sobre o diálogo, oferece um apotegma cassídico muito incisivo a este respeito: “Diz-se que certa vez um homem entusiasmado com Deus, abandonando o reino da criação, vagou no grande vazio. Lá ele vagou, até chegar às portas do segredo de Deus. Ele bateu na porta. Lá de dentro lhe perguntaram: “O que você procura aqui?”. Ele disse: “Proclamei o teu louvor aos ouvidos dos mortais, mas eles ficaram surdos à minha palavra. Então venho até você, para que você mesmo me escute e me responda”. “Volte”, ouviu-se lá dentro, “aqui não há ouvido para você. Afundi minha audição na surdez dos mortais.” E neste Evangelho, a mansidão de Jesus em desenterrar os pensamentos “surdos” dos discípulos, dá vida a este abismo. Essa arte do diálogo que só se aprende na sua escola: expondo-se, até ser entregue como “pequenino”, ao outro.

Os salmos recém-rezados dão horizonte e ressonância ao Evangelho “inquietante”. Dois salmos performáticos. Gregório Magno diz (Homilias sobre Ezequiel, I.I, 15) que - quando a profecia falha entre o seu povo - e isso acontece muitas vezes! – é a voz dos salmos que prepara no



coração obscurecido o caminho para o espírito de profecia e a graça da compunção, o caminho que conduz a Jesus. É Estupendo.

Como escreve Jerônimo – hoje fazemos memória disso! – no seu comentário redescoberto sobre os Salmos: “O saltério é como uma grande casa, que tem apenas uma chave externa para a porta – e esta chave é o Espírito Santo; mas também possui chaves próprias para os diferentes cômodos internos. Cada cômodo tem sua própria chave. Se alguém jogar fora as chaves indiscriminadamente, quando quiser abrir aquela sala, não poderá fazê-lo. A menos que encontre a chave.” Muitas vezes acontece, com relação ao saltério, que temos esse descuido de jogar fora as chaves e considerá-las indecifráveis, inúteis para a oração”. Hoje, dia de retiro, poderia ser uma graça encontrar a chave para entrar nestes dois salmos maravilhosos: “Como a corsa anseia pelas águas correntes, assim a minha alma anseia por ti, ó Deus”. É a voz da Igreja, é a voz dos inúmeros pequeninos que esperam para serem evangelizados, é a voz da “minha alma” (Sl 41.2) em busca. Dois salmos esplêndidos nos foram dados hoje para dar forma aos Louvores de Deus. O Salmo 41 dá voz àquela sede secreta e inominável que carregamos dentro de nós. Essa sede que é a alma da liberdade. Sede que corresponde à sede de Deus.

As culturas às quais pertencemos hesitam em se expor a esta sede, em integrá-la nos seus sistemas simbólicos, elas lutam: são tão afetadas pela lógica dos negócios, do poder, do mercado, da aptidão. Ou por lógicas evasivas. Que perseguem sonhos de liberdade como autodeterminação: mas o salmo que rezamos faz despertar a sede do Deus vivo. Ele, o Vivente, tem sede desta sede, como atesta o antigo monge: “Deus tem sede de quem dele tem sede”. E Teresa de Calcutá nos chamou de volta com humilde força. Expor-se durante muito tempo à sua luz, habitar no Evangelho “como na carne de Cristo” (Inácio de A.): isto é, retirar-se, tornar-se verdadeiro. Como acolher a criança perto de você, dentro de você.

No Salmo 41, Abba Poemen, um monge do deserto egípcio, disse: “Está escrito: 'Como a corsa anseia por fontes de água, assim minha alma anseia por ti, ó Deus.' Assim como acontece com as corsas no deserto que devoram muitos répteis e, quando sentem a força do veneno queimar, desejam vir para as águas onde encontram alívio do efeito dos venenos ingeridos, assim também os monges que vivem no deserto são queimados pela amargura das paixões e por isso anseiam que venha o sábado e o domingo para a sinaxe, para tirar água das fontes, isto é, do corpo e do sangue do Senhor que purifica da amargura do maligno” (Apophthegmi, Alf., 30).

Poemen aplica o movimento espiritual do Salmo 41 à realidade do deserto. Poderíamos - tendo encontrado a chave - rezar o salmo colocando-nos na Assembleia Sinodal como um lugar onde o Espírito sacia a nossa sede no desejo de conformar a nossa Igreja a árdua missão que o Senhor, hoje neste deserto, lhes confia. Como uma criança. Uma memória saudosa e uma esperança trêmula podem ser sentidas no salmo: deixemo-nos atravessar pelas suas perguntas (“Quando?”, “Onde está/é?”, “Porquê?”), para compor a memória e a esperança numa harmonia superior. Do abismo (v. 8) de um hoje que mal conseguimos ler - mas somos chamados a interpretá-lo como o hoje da missão -, ao abismo da Misericórdia.

A memória de um passado – embora belo, mas agora arquivado – deve transformar-se em humilde esperança. A fonte – como João da Cruz descobre na sua “noite” – é transbordante e



sempre oferecida. Na Eucaristia que sacia a nossa sede ainda hoje. Aqui encontramos as razões da esperança.

“Os céus narram” canta o segundo salmo: não é linguagem, não são palavras cujo som se ouça. Uma narração silenciosa, que exige novos sentidos. Uma narrativa que espera ouvidos, olhos, mãos, nariz, boca, para ser apreciada. Para acolher o indizível. Também sobre os nossos acontecimentos humanos e eclesiais de hoje: em toda a terra, nos confins do mundo, procuramos novas narrativas que abram o horizonte da esperança.

O Papa Francisco aponta alguns caminhos para tentar traçar a narrativa que vence a solidão e o silêncio: “Neste universo, composto por sistemas abertos que entram em comunicação entre si, podemos descobrir inúmeras formas de relacionamento e participação. Isto também nos leva a pensar no todo como aberto à transcendência de Deus, dentro da qual se desenvolve. A fé permite-nos interpretar o significado e a beleza misteriosa do que acontece. A liberdade humana pode oferecer a sua contribuição inteligente para uma evolução positiva” (Laudato si’, 79). “Se abordarmos a natureza e o meio ambiente sem esta abertura ao espanto e à admiração, se não falarmos mais a linguagem da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo, as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou do mero explorador de recursos naturais, incapaz de colocar limites aos seus interesses imediatos”. Isto também diz respeito à forma de abordar o diálogo sinodal. (...) Podemos dizer que “ao lado da revelação propriamente dita contida nas Sagradas Escrituras há, portanto, uma manifestação divina no resplendor do sol e no cair da noite”. Ao prestar atenção a esta manifestação, o ser humano aprende a reconhecer-se em relação para com as outras criaturas: “Expresso-me expressando o mundo; Exploro minha sacralidade decifrando a do mundo” (L.S., 85). “É o que ensina o *Catecismo*: “A interdependência das criaturas é querida por Deus. O sol e a lua, o cedro e a pequena flor, a águia e o pardal: as inúmeras diversidades e desigualdades fazem com que nenhuma criatura seja suficiente a si mesma, mas que existem apenas na dependência um do outro, para se completarem, ao serviço um do outro”.

“Sem linguagem, sem palavras, sem que a sua voz seja ouvida”.

Mas quando a Bíblia dá testemunho das narrativas das estrelas e as reconhece como a linguagem de Deus, essa linguagem não-verbal torna-se também a palavra do homem que narra a não-palavra de Deus.

Portanto, quando lemos a sua Palavra mais surpreendente - “o Verbo se fez carne” - nessa palavra devemos incluir também as não-palavras do sol, das estrelas, do cosmos, ... os nossos diálogos abertos à vinda do Espírito - todas as palavras da terra e todas as “palavras” do céu.

Os astros não são Deus, mas as suas criaturas – *os céus narram a glória de Deus* – Não levam uma mensagem própria, mas significam Outros, também “palavras” ditas, para orientar a sede que vive dentro de nós e nos impulsiona – em diálogo - em direção à Fonte.

Divina fonte escondida



(São João da Cruz)

Que bem sei eu a fonte que mana e corre
mesmo sendo noite!

Aquela eterna fonte está escondida.
Bem eu sei onde tem sua guarida,
mesmo sendo noite!

Sei que não pode haver coisa tão bela
e sei que os Céus e a Terra bebem dela,
mesmo sendo noite!

Sua origem não a sei, pois não a tem,
mas sei que toda a origem dela vem,
mesmo sendo noite!

O fundo dela, sei, não pode achar-se;
jamais por ela a vau pode passar-se,
mesmo sendo noite!

É claridade nunca escurecida
e sei que toda a luz dela é nascida,
mesmo sendo noite!

Tão caudalosas são as suas correntes
que Céus e infernos regam, mais as gentes,
mesmo sendo noite!

Nascida de tal fonte, esta corrente
bem sei que é mui capaz e onipotente,
mesmo sendo noite!

Das duas a corrente que procede
sei que nenhuma delas antecede,
mesmo sendo noite!

Aquela eterna fonte está escondida
neste pão vivo para dar-nos vida,
mesmo sendo noite!

Aqui está chamando as criaturas:
desta água se saciem, e às escuras,
porque é de noite!

É esta a viva fonte que desejo



e neste pão de vida é que eu a vejo,
mesmo sendo noite!